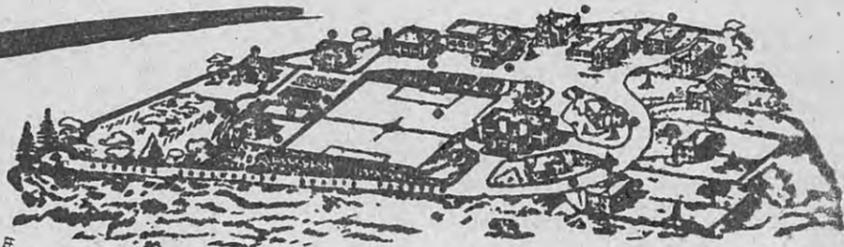


Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 244 * PREÇO 1500



Aqui, LISBOA!

Longe vão os tempos em que os dirigentes da Obra da Rua, rodeados de uma dúzia de pequeninos, podiam espaiar-se descansados à sombra das oliveiras, a contemplar a beleza da serra visinha. Havia apenas as preocupações duma pequena casa de família.

Hoje a árvore tem altos e largos ramos aos quais muitos que se querem abrigar de tempestades a que ela mesma está sujeita. O número dos rapazes cresceu desmedidamente; multiplicaram-se os seus problemas e as suas preocupações. Multiplicaram-se do mesmo modo os Pobres que para a Obra voltam os olhos, tornando tão alegre como pesada a cruz dos dirigentes. No mundo que a rodeia há quem só nela veja a Justiça e a Verdade e quem só dela espera a salvação do mundo perdido.

Se isto denuncia a desilusão causada pela falência de sistemas, de religiões e dos homens dirigentes, não menos denuncia o erro destes mesmos que querem encontrar nos homens a redenção que só pode vir de Deus: *a quem iremos Senhor, se só Tu tens palavras de vida eterna?* Queríamos que a Obra fosse sempre o espelho do Evangelho onde todos vissem um reflexo das verdades eternas. Isto não pode deixar de nos preocupar. Nós lidamos com o lixo.

Mas não é tudo. Há por aí muitas Obras nascidas e criadas à sombra da cruz. Receberam o baptismo de sangue, e, talvez por isso, toda a sua existência tem sido um duro calvário. Lembra-se agora de chamar por nós para lhe assistirmos na agonia. Isto aumenta a nossa pena.

Há muito que trazemos esta ferida no coração, e, se aqui vimos, é para desabafar.

As obras de assistência particular vivem todas, neste momento, um período de situação crítica, quer sob o ponto de vista moral, quer económico. Isto por vários motivos.

Em primeiro lugar não saímos ainda da febre de egoísmo que domina a maioria dos portugueses. Crêem que a esmola é dar o tostãozinho na rua. Para muitos, toda a Caridade se resume nisto. Até os melhores crentes se ficam por aí. É cómodo, é bonito e pronto!

E as obras e os Pobres que se aguentem...

A esta colectiva indiferença, acresce a das autoridades eclesiásticas. Tudo o que tínhamos de bom noutros tempos, foi parar

às mãos de oportunistas e da burocracia. Hoje não se vai muito mais longe. Olha-se já para os Seminários e para a A. C. mas, nisto mesmo, quantas deficiências. Temos apenas com vida independente e bem organizadas, as Conferências de S. Vicente de Paulo. As pequenas obras de assistência vivem desarticuladas, esquecidas e indefesas. Temos ouvido gemidos de angústia que bramam aos céus.

Tentam algumas segurar-se à letra da Concordata mas em vão. De nada vale também a letra das bases da Assistência e dos que de lá se dizem cristãos. A opressão da burocracia, eis o pior dos inimigos

Triste paradoxo este: ser uma obra cristã e não ter a seu lado a Igreja; ser de portugueses e faltar-lhe o Estado.

Esta situação não pode manter-se indefinidamente. Se as obras são da Igreja é justo que esta as tome como filhas e as não engeite.

Bom era pois que uma Entidade diocesana composta de elementos dotados de apostólica dedicação (ai, os primeiros Diáconos) dispondendo de tempo e liberdade de acção, munido dum fundo de assistência próprio, acudisse aqui, orientasse ali, chamasse ao bom caminho os errantes, defendesse os oprimidos e fizesse chegar a todos os pequeninos o pão que eles pedem, sem haver quem lho reparta.

São estes pequeninos que pedem aos Pastores da Grei, mais este sacrifício.

A igreja nada teria a perder com isso.

P. ADRIANO

ECOS D'ÁFRICA

O Banco de Angola, em Luanda, acaba de nos dar notícia de mais um depósito, produto de subscrições levadas a cabo nos concelhos de Novo Redondo e de Seles. Nós não tivemos tempo de visitar nenhuma terra, na extensa província de Angola. Luanda, apenas, e isto como quem foge. Mas a Obra vale mais do que a pessoa. Por amor dela se levantam os povos daqueles sítios, levando à frente os próprios Administradores. Desejariamos agradecer, sim, mas nem sequer os nomes sabemos! Também eles não dizem. O documento do Banco é impessoal.

Tudo muito certo. Tudo muito correcto. *In abscondito*, é a fórmula do verbo dar, segundo o Evangelho. As outras são nossas.

NOTA DA QUINZENA

Tenho aqui uma carta de certa mãe a chorar a morte de seu filho. Apetece à gente viver *na quele tempo* e pedir a Jesus de Nazaré que o vá ressuscitar! De todas as dores que ela se queixa, a maior é não ter agora a obrigação de preparar a roupa do seu filho *Era eu que lhe arranjava a roupinha!* Isto é o humano, porta a meias com o divino!

Quando aqui recebemos encomendas de roupas usadas de crianças que já não são, não é preciso que suas mães nos digam. Nós adivinhamos a saudade imensa de quem perdeu, com o seu amor, a obrigação de *lhe arranjar a roupinha*.

A mãe de quem hoje falo, inconsolável, a meio da carta exclama: *oh meu padre; eu queria preparar a roupa do meu filho!*

Eis aqui a vocação da Mulher proclamada por Uma, em ocasião de lágrimas, que são justamente a luz dos problemas da vida. Sem lágrimas, sem dor, — nada feito.

Naquele grito de Mãe não há teses. Não há conceitos. Não há escolhas. Ela não fala dos chamados direitos da mulher, como costumam fazer as azedas mãis-las as desesperadas. Não pretende conquistar posições. Nada deste mundo. Ela chora a perda do seu grande tesouro, o filho; e também chora a riqueza da sua ocupação — lavar e remendar a roupa dele. Aqui está. Eis a vocação natural da Mulher.

Digo natural. Assim como muitas manções no Céu, também na terra Deus tem muitos caminhos; nós somos d'Ele. Esses chamamentos não se discutem. Como também é indiscutível a paixão das mães. O seu amor extenuante. O maravilhoso dar-se.

A fraqueza, que tudo e todos levanta. A obediência que impeira. A humildade que seduz. A Mãe! Quando já é, ela é aquilo mesmo; e enquanto não, — aspira e suspira. *Eu queria arranjar a roupinha do meu filho.*

Agora

Eu próprio que o soltei, não acreditava no grito *vamos prás cem*, quando ele aqui se lançou. Não acreditava. Como chegar às cem casas em meus dias, já adiantados?! Pois chegamos sim senhor, e até ultrapassamos. Só no distrito do Porto, contam-se nesta hora 55 casas e 76 são as erguidas em outros! De sorte que o *Agora* é um advérbio antiquado.

Temos assim confirmada a doutrina do silêncio. Sorteios, leilões, cortejos, festas. Tudo quanto faça barulho. Tudo quanto excite paixões. O deslumbrante. O fugaz. Nada disto convem. Nada condiz com a seriedade da Obra.

Nunca se viu ninguém a chorar à passagem do Profano enquanto que esta procissão, por divina, arranca lágrimas dos corações:

«Parece-nos a todos hoje mais tocante a aguda situação do Pobre Lázaro. E até sentimos melhor a existência de Deus». Trata-se de alguém que quer dar do seu supérfluo para que eles (os pobres) tenham o necessário». Só o Silêncio opera milagres. O Silêncio é a expressão de Deus. Ora sendo isto verdade e tendo nós à nossa frente a sua confirmação, porque lançar mão do Alegórico?! Realidade sim.

Chegados que somos aqui, vamos todos sair para a rua e notar logo à frente um Visitante que leva doze contos na mão. A seguir vai em forma o Liceu da Rainha Santa Isabel com mil escudos, declarando ser isto sinal de uma réplica ao Liceu Carolina Michaelis. Cá esperamos. As raparigas de um *Atelier* do Porto, pobres como são, não tiveram coragem de ficar em casa e é's que saem todas para a rua; aqui vão elas com 820\$. Os senhores arrumem-se. Não são *ramhas*. São raparigas honestas e modestas, que vivem do seu tra-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

que sim. Deus é o Criador das realidades que não aparecem.

O *Gaiato* anda por lá. Quem o tem de casa leia, medite e mostre aos seus amigos. Que todos se alegrem no Senhor. Amen.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

De todas as iniciativas da *Obra da Rua*, esta de casas para pobres, leva a camisola amarela. Parece que estava tudo à espera! De toda a parte! Todas as classes! Todos os credos!

Quando foi da nossa festa em Braga, tive ocasião de ver as casas já começadas. Eram nove. Hoje, devem ser mais. O sítio não podia ter sido melhor escolhido. Quem passar pela estrada de Guimarães, chegado à freguesia de Nogueira, olha e vê. É na encosta aos pés da Senhora do Sameiro.

Podemos dar o nome de sagrada à montanha. Eu tenho que os altares mais formosos ao culto de Deus vivo, são aqueles que se levantam no coração dos Pobres, —amando-os. E também são estes que o nosso Deus Vivo prefere. *Eu quero misericórdia.* Seja como for, lá estão 9 casas a subir. Barcelos também quer. Esposende já fumega. Ponte da Barca, oiço dizer que sim. Geraz do Lima vai começar. Obra incendiária! Todos os dias recebemos cartas de párocos fervorosos a perguntar como e por onde devem começar. Eu respondo a todos na mesma: *Amar Cristo na pessoa do Pobre.* Não há outro caminho. O Senhor Arcebispo de Évora, manda pedir exemplares da Obra e quer saber. Também Ele ama Cristo na pessoa dos Pobres, e quer fazer casas para eles. Quem não ama, permanece na morte!



Será isto na Holanda, terra de crianças loiras, cheirando a sabão e a leite? Na Inglaterra, Suíça, Dinamarca, onde a Criança impera? Será isto um sonho? Um conto? Não senhor. Isto é Portugal da era do Património dos Pobres pra cá. Dantes não era assim.

Se o Pobre parece não amar o belo, é só porque não tem casa. Dê-se-lhe e ele, mais inteligente do que nós, cultiva e vê nas flores a Beleza Incrível!



Com pequeninos muros de suporte, preparamos terras de cultura, antes incultas.

Do que nós necessitamos

Mais 50\$ de Ilhavo. Mais 100\$ de Maria Alice. Mais 20\$ de Vila de Rei. Mais 500\$ de Algures. Mais 20\$ de uma promessa. Mais 100\$ de Gavião. Mais uma encomenda de lenços e cintos. Mais de Vergada 20\$ de um aluno. Mais 50\$ de Lisboa. Mais outro tanto. Mais 200\$ de uma pecadora Oliveirense. Mais 50\$ de Algures. Mais 100 angolares de Gândula. Mais 100\$ para a viúva da Nota da Quinzena. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Mais um vale de 205\$ de uma subscrição entre colegas da Polícia Internacional. Mais 100 angolares de Nova Gaia. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 50\$ de Vila Fernando.

Mais 500\$ do Porto. Mais 20\$ idem. Mais 500\$ de Tavira. Mais 50\$ Mais 500\$ de Gondomar. Mais 50\$ de Algures. Mais 500\$ do Porto. Mais 100\$ de Aveiro. Outro tanto de Castelo Branco Outro tanto da Huila, África Ocidental. O *Gaiato* tem derrubado muros, abolido fronteiras, aproximado as gentes.

Mais do que veículo de donativos, ele, o pequenino jornal, apresenta-se como veículo de almas para Deus!

Mais 300\$ de Lisboa, numa festa de pessoal e dirigentes da C. P.. Para uma família de doze, que por sinal é do concelho de Tomar, temos recebido várias quantias de dinheiro, que lhe fazemos chegar às mãos. Alguém,

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

A abrir temos 100\$00, de quem desejava ter dinheiro para valer a todos os pedidos. De Coimbra 100\$00 para o leite dos meus amigos Pobres. Solicitava uma resposta num postal com um SIM. Aqui é melhor. Todos nós precisamos de ouvir falar dos Pobres com tanto carinho — para o leite dos meus amigos Pobres. E mais uma carta de Lisboa, letra conhecidíssima e abre com Dia de Santo António. É a data. Dentro 20\$00. Mais uma carta, agora de Chaves. Pede que não deixemos de praticar a caridade. Deus recompensará. Por fim pede desculpa de ser tão pouco os 20\$00, mas é de boa vontade. Um grande pecador, segue com 20\$00 e também diz ser pouco mas de boa vontade. De Lisboa 80\$00. Mais 10\$00 de Esmeriz. E 40\$00 de Torres Novas. De Lisboa por uma intenção especial 150\$00. E por fim 200\$00.

Ílrio Mendes

da cidade de Tomar, toma conta e dá conta. Já passa de dois mil escudos. E mais nada.

Cada freguesia cuide dos seus Pobres

Ao passarmos por Albergaria-a Velha, estrada Porto Lisboa, lê-se à entrada da vila — *É proibida a mendicância.* A seguir, enuncia-se o decreto que a profibe e por último a declaração *Albergaria cuida dos seus Pobres.* Gosto de ler e saborear, pois tenho que os seus habitantes são incapazes de pôr ramo sem ter vinho...

Na ilha de Moçambique, que também é Portugal, os Vicentinos retiraram os Pobres das ruas à maneira dos cristãos. Aquela cidade, quase museu, é hoje muito frequentada por turistas. Os pedintes assaltavam. Não era decente. Que fazer? O que os Vicentinos fizeram. Eu vi. Assistência total, cada um segundo a sua condição. *A ilha de Moçambique, cuida dos seus Pobres.* Turismo e Pedintes são aspectos antagónicos. A presença destes, afugenta aqueles. Aqui há tempos, encontrei-me com dois rapazes, de pais portugueses, nascidos e educados fora de Portugal. Haviam percorrido de norte a sul a pequenina pátria de seus pais e mostraram-me com alegria o bilhete de regresso... Eram os mendigos. A presença e a impertinência.

Eu sei que na Presidência do Conselho se vive este problema angustioso. Sei que se pergunta concretamente se este e aquele automóvel foram assediados por mendigos, em determinado sítio e hora. Sei sim senhor. Os homens que estão à testa, podem-se afligir, sim, mas nem sempre realizam o que querem, a não ser desembainhando a espada. Porquê? Por causa dos outros homens. Ora eu não sei quais as informações dadas na Presidência, mas que eles, os mendigos, assaltam, é verdade. Mais. Se não fossem as medidas de repressão, nas Praias e Termas e sítios quejandos, era a Invasão!

Duma vez apareci num lugar de nomeada, onde muita gente vai. Era no *Morris*. Há um imenso recinto. Há mais automóveis. Mal o nosso pára e antes que a gente saia, acode a multidão de pedintes; idades, sexos, aleijões, chagas, farrapos, cantilenas — um mundo. Eu não fiz caso. Dirijo-me ao Santuário. À saída são aqueles e muitos mais. Passo pelo meio sem nada dizer nem dar.

Um padre! Oh escândalo! Por isso me tomaram. Um dos mendigos mais sujo e mais robusto, sobe acima de uma pedra e desancou-me. Eu ouvi todo o sermão. Quis-me encher de razão para agora me queixar. Deles? Do pregador? Não. Não senhor. Queixar-me dos que sabem, podem e não fazem caso.

Aqueles dois moços, não se queriam certamente ausentar tão cedo da linda pátria dos seus pais, se em lugar do pedinte, houvesse um membro da comissão que lhes falasse da formosa organização de Auxílio aos Pobres. Eles davam com gosto. Seria mais uma beleza a juntar a tantas que eles já tinham visto, e iam-se embora bem impressionados.

Aquele recinto e aquela multidão com pregadores e tudo; nada daquilo seria se os que podem e devem quizessem organizar-se.

Não houvesse ele mais nada, e já estás razões, superficiais e convencionais como são, eram sufi-

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA As Casas do Gaiato estiveram representadas em Braga, num grande espectáculo cheio de brilho e de cor.

No Teatro Circo não havia lugar para um afinete sequer. O locutor foi o Júlio Mendes.

Os números em destaque foram: *A Loja do Mestre André* e as árias do orfeão.

— A grafonola que nos ofereceram aqui há uns meses, que esteve na casa 3 passou agora para a casa 4.

Como os poucos discos que tem são estranhos, o *Joaquim Carpinteiro*, chefe da dita casa, apela para a generosidade dos nossos amigos para ver se «caem» com alguns discos... nas nacionais.

Vamo a ver.

— A nossa Conferência continua em baixo de forma... mas parece-me que a coisa agora se vai agitar. Presentemente tem um calote de quatro mil escudos!

— Os trabalhos para a nossa tipografia têm crescido de dia para dia, graças aos nossos amigos.

Daqui enviamos os nossos sinceros agradecimentos aos senhores que nos têm enviado trabalho e àqueles que nos gostariam de servir mas não têm quê.

— Na quinta feira, 18 de Junho, esteve a Obra da Rua em peso, no melhor cinema do nosso Portugal.

Tudo correu da melhor maneira, a não ser uns enganozinhos, que tornaram a festa mais original e mais saborosa.

A festa apanhar um lugar à janela e por pouco que ia havendo «molho», mas depois tudo se resolveu da melhor maneira.

Os que fizeram o papel melhor foram os da «Loja do Mestre André» e o Octávio. Este último vinha bem «treinado» e impôs-se muito bem.

Agora um viva entusiástico ao *Sejaquim*, o treinador da enxurrada de Paço de Sousa e o que teve mais trabalho, pois esteve de princípio ao fim do teatro sempre em serviço.

— As nossas ameixeiras estão carregadinhas e a vergar.

Isto é uma delícia para nós, pois nas refeições já temos comido algumas e elas são doces como o mel...

É uma delícia para os visitantes, porque as ditas ameixeiras fazem um círculo muito vistoso e além disso eles vêm que ninguém lhe deita a mão... nem por descuido.

O *Caçula* anda de olho arregalado, mas nada vê pois pequenos e grandes bem sabem da sua obrigação.

— Não têm parado as excursões à nossa aldeia, nestes bonitos dias de Junho e como tal aconteceu, eu lembro a Caravana ciclista de S. Mamede de Infesta, composta por operários.

Dentre muitas quadras, destacava a do coito, que era:

Deixai passar
Este conjunto pacato
Que a gente vai visitar
A «Santa Casa do Gaiato».

— Os alfaiates disputaram dois renhidos desafios de oquei com os carpinteiros e ganharam um encontro cada.

No primeiro desafio os carpinteiros apresentaram um lindo galhardete, mas de pau e os alfaiates apresentaram outro não menos bonito, de pano.

Daniel Borges da Silva

TOJAL Hoje venho por meio do jornal «O Gaiato» contar a minha vida.

Tinha eu dois anos de idade quando me apareceu a paralisia infantil. Minha mãe faleceu tinha eu três anos. Assim que ela faleceu, meu pai internou-me no Hospital de Santa Marta. Ali fiz duas operações e estive lá 6 anos internado sem sair a lado nenhum. Poucas foram as vezes que meu pai me foi lá visitar. Sim bem sei, que ele não podia... Tive no Hospital uma doente que foi muito minha amiga. Eu tinha nessa altura 4 ou cinco anos.

Era como da minha família. Quando ela foi embora, eu chorei com pena, porque já não tinha ninguém que olhasse por mim. Mas a irmã dela disse-me para eu não chorar que em todo o lado onde eu estivesse, me iria visitar. Então fiquei muito contente porque continuava a ter quem me protegesse. Assim foi durante esses 9 anos que eu estive lá no Hospital. Ela foi-me sempre visitar. Mais tarde, o Hospital deu-me os aparelhos para eu andar. Eram da cintura para baixo.

Tinha 9 anos quando saí. Meu pai levou-me para a terra dele: Albergaria dos Doze. Estive sómente uns meses.

Como os aparelhos já me estavam pequenos,

cientes para todos lançarmos mãos à obra. Eram. Mas há mais. Há o Mandamento do Senhor. É Ele que impera—cada freguesia cuide dos seus pobres.

andava de gatas, já não era capaz de andar de pé. Sim, que a paralisia deixou-me sem articulações nos membros inferiores. Fiquei bem aleijado nesses membros.

Então meu pai quis-me internar outra vez no Hospital de Santa Marta, mas, nessa altura, o Sr. Dr. A. Rodo não estava lá, e disseram-nos: O Sr. Dr. A. Rodo está no Hospital da Misericórdia. Fui examinado e no dia 19 de Outubro de 1945 fui internado na Misericórdia de Lisboa.

Mas isto tem muito que contar. Por isso eu continuo no próximo número.

— Venho agradecer à Sr.^a ou Sr. que mandou o relógio para o chefe do Casal Agrícola, por terem atendido o meu pedido, muito contentes ficaram os nossos rapazes quando viram o relógio. Pois desde já ficamos muito gratos.

Para todos quantos nos ajudam vão as nossas orações diárias.

— Os senhores esqueceram-se das toalhas. Há muitos que se têm de limpar à ponta do lençol por não terem toalhas. Nós precisamos de cem, mas basta que cada um mande uma...

Joaquim A. Gouveia Marques

A nossa festa em Braga

Depois da apresentação feita pelo célebre *Tomar*, organizador deste espectáculo, cantaram-se algumas canções do nosso orfeão, a que o povo de Braga correpondeu, aplaudindo delirantemente. O Júlio Mendes apresentou-se, falando da sua viagem à África com o Pai Américo, que os espectadores aplaudiram entusiasticamente. Carlos Inácio, futuro professor da Obra, falou dos futuros professores. Causou sucesso, recebendo grande ovacão. Depois de vários discursos e canções executadas pelo nosso orfeão e muito bem ensaiado pelo *Sejaquim*. Termina a primeira parte com o engracado *Manuel Bucha* a cantar «ó Ferreiro». Escusado será dizer que o delírio chegou a tal ponto, que teve de repetir e não cantou mais vezes porque já estava cansado...

Tivemos um pequenino intervalo para troca de impressões com os espectadores.

Eis nos de novo a pisar o palco, para recommencarmos o espectáculo. Abrimos de novo com o nosso orfeão que como de costume recebeu fartos aplausos. O *Pombinha* com as castanhetas, arrancou ao público mais um bis. Veio a seguir a já célebre *loja do Mestre André*, executada por seis dos nossos batatas. É claro que este número é sempre esperado com ansiedade e arranca ao público momentos de entusiasmo e carinho, devido aos pequenos executantes se exibirem com perfeição. Eu também falei, foi sobre o «Património dos Pobres», Obra que o povo de Braga acolhe com grande carinho. Para fechar a sessão, um Padre da Rua expôs com simplicidade o mesmo assunto que o povo desta cidade não se cansava, interrompendo o orador por vezes, para aplaudirem as suas magníficas palavras!

MANUEL HENRIQUE

A Venda do Jornal EM SANTO TIRSO

Como todos os nossos leitores sabem eu estava em S. João da Madeira, e ia vender o Gaiato a Águeda e a Viseu. Hoje não. Estou no Porto e vou vender a Santo Tirso e a Trofa. Eu vendo alguma coisa mas era preciso vender mais. Gostava mais de ir a Águeda. Não porque fosse mais bonito, mas sim porque lá vendia mais, e tinha senhores mais meus amigos. Na Trofa e em Santo Tirso também já tenho vários amigos como: sr. Vilhena, o patrão do Hotel Cidnay, etc. Para mim logo que ninguém me trate mal, tudo é amigo. E agora dizem os senhores, mas então alguém trata um gaiato mal? Trata sim senhor. Mas a verdade é só esta. Deus também não agradou a todos, e por isso seria impossível se o Pai Américo tivesse tudo por seu lado.

Ora como eu ia falando, a venda do famoso em Trofa, e em Santo Tirso, vai regular. Mas há aqui uma coisa, os acréscimos. Muitas vezes nem para as viagens dão. Antes de mim ia lá um dos nossos rapazes, e havia sempre um senhor na Trofa que lhe emprestava uma bicicleta para ele ir e vir a S. Tirso, e isso pensando que não sempre é uma ajuda.

Espero pois que Trofa e Santo Tirso não me deixem ficar mal, pois que eu fui sempre um dos melhores vendedores.

MANUEL FIGUEIREDO (Risonho)

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

CRÓNICA DE BORDO

Passada uma semana desta viagem, que mais me parece um sonho que outra coisa, resolvi enviar esta crónica para vos contar um pouco da nossa viagem a bordo do «Moçambique».

Foi no dia cinco que o «Moçambique» largou de Alcântara. Viram-se muitos lenços brancos a dizer adeus aos que partiram e estes retribuíram do mesmo modo aos que ficaram. Este foi o momento mais chocante destes meus dias de viagem.

As lágrimas saltaram-se sem eu dar por ela. Não tive coragem de puxar um lenço e imitar os meus colegas de viagem.

Mas tudo isso passou e no dia seguinte a viagem correu bem. O estômago não se zangou e portanto a disposição era boa.

Neste dia passamos pelo Porto Santo, Ilhas Desertas e chegámos à Madeira pelas 6,30 horas.

Vista de bordo, a Madeira parece um jardim. Nunca os meus olhos viram beleza tamanha como aquela.

Ainda no dia seis, recebi um telegrama do Pai Américo, a desejar-me boa viagem.

No dia sete, saímos da Madeira às 9,15 com rumo a S. Tomé. A minha disposição continuava a ser boa. Já o mesmo não posso dizer do Zé Maria, do Leitão e do Carvalho.

Como sabem, vão neste paquete quatro rapazes da nossa Obra: O Zé Maria do Lar do Gaiato de Coimbra, o Leitão e o Carvalho do Lar do ex-Pupilo e eu do Lar do Porto. Ora como estava dizendo, estes meus colegas não estavam bem dispostos e alguns deles até deitaram a carga ao mar. Durante este dia só vimos água. Na noite de sete para oito passamos pelas Canárias. No dia oito a minha boa disposição era a mesma. Neste dia passou por nós um barco de carga, o qual pertencia à mesma companhia do paquete. Houve as saudações habituais as quais me impressionaram bastante. No dia nove acordei bem disposto, mas à tarde o caso mudou de figura. O calor começou a apertar e aquela minha boa disposição desapareceu até chegar ao ponto de me ter que deitar por já não poder com a cabeça.

A noite começaram as trovoadas e relâmpa-

Crónica Desportiva

No dia 31 de Maio fomos a Vermoim (Famalicão) jogar com o Grupo daquela Freguesia. Saímos às 13 horas de Paço de Sousa numa camionete de 26 passageiros, além de jogadores, incluindo assistentes. Chegamos à dita freguesia às 15 horas e 30. Estávamos à nossa espera os adversários, toda a assistência, e também o Rev.^o Pároco daquela localidade, que começou logo a dar-nos vivas, seguindo-se um coro de vivas entusiásticos, até ao campo de futebol que fica distante 70 metros, da paragem de veículos. Estava preparada uma bancada, para os assistentes visitantes, coberta de toldo, (que calhou mesmo bem, pois estava um sol abrasador...). Às 16 horas em ponto as equipas estavam em campo, para principiar o encontro. Porém antes do jogo o Rev.^o Pároco fez um breve discurso, que deveras impressionou mesmo os visitados, sempre habituados a ouvi-lo... Os Gaiatos alinharam: Rogério, Fernando, Manuel e Nicolau; Prata e Sérgio; Rui, Malaia, Carlos, Vieira e Carlitos.

O jogo começou com grande entusiasmo. Decorreram alguns minutos sem grande interesse, mas logo depois, começaram por entender-se com grande domínio por parte dos Gaiatos, que mostraram alguns lances em magnífico estilo, e com muita técnica. Aos quinze minutos, registou-se o primeiro golo dos gaiatos por intermédio do extremo esquerdo Carlitos, que aproveitou um belo centro de Malaia, não teve dificuldade em atirar. O jogo continua, e os adversários atacam a baliza defendida por Rogério, o qual esteve em tarde de grande relevo, acabou por anular o lance, deitando para canto. Marcado este, nada resultou, com nova defesa do guardião visitante. Aos 18 minutos marcou-se novo golo, desta vez por Carlos e, com grandes culpas para o guarda-redes, que saiu antes do tempo. Quinze minutos decorridos, e novo golo para os Gaiatos marcado este por Malaia, depois de uma jogada individual, desde o centro do terreno, já dentro da grande área, espera a saída do guarda redes, e atira um remate bem colocado ao ângulo superior esquerdo. Os visitados formam nova avançada, até à grande área mas não passam, pois os defesas anulam as tentativas. Chegou o intervalo com os gaiatos a vencerem por 3 bolas a 0. Na segunda parte os adversários atacaram mais, pois tinham o vento a favor, tanto que no início do segundo período formaram uma avançada pelo lado esquerdo, e a bola foi aos pés do avançado centro, que aproveitou um falhanço do defesa, para disparar um fortíssimo remate a meia altura, sem possibilidade de defesa, para Rogério.

Assim com este tento os visitados animam e atacam mais. No entanto Sérgio que recuou para a defesa, formou juntamente com o defesa central uma barreira tirando aos atacantes, todas as possibilidades de remate. Decorridos alguns minutos marcaram novo golo este por Carlos, de fora da grande área. E assim ficou o resultado final em 4 a 1.

Júlio Gomes

gos a anunciar a Serra Leoa. Dia onze, chueu bastante e parte dos passageiros ressentiram-se da atmosfera pesada, não saindo dos seus camarotes.

No dia doze acordamos com um dia bonito, pois o sol de novo nos quis acompanhar. À hora do almoço foi-nos anunciado que a partir das nove horas da noite haveria um arraial minhoto, onde não faltariam as sardinhas assadas, as rabanadas, o arroz doce, o tiro ao alvo, etc.

Às duas horas houve exercício com os cintos de salvação.

Pela tarde aquele sol bonito que nos apareceu de manhã, resolveu desaparecer, para em sua substituição vermos o céu carregado de núvens. Pelas sete horas começou a chover e à hora do jantar ouve-se os alto-falantes a anunciar que o arraial tinha sido transferido para o dia seguinte. Nisto chueu torrencialmente.

Se entre os passageiros algum ficou triste eu fui o número um, pois esperava contar aos leitores de como foi o arraial. Agora só na próxima crónica, porque esta terá que seguir no domingo de S. Tomé para Lisboa num avião directo.

CARLOS GONÇALVES

DE COMO FOI A NOSSA FESTA NO COLISEU

Eram 6 horas e 30, quando fomos de Paço de Sousa em duas camionetas. Uma levava os rapazes do orfeão e oradores, outra os restantes. Perto de 180 rapazes partiram para o Porto, a cidade que mais carinho dispensa aos gaiatos. Chegamos eram 8 horas.

Seguimos direitos ao Lar do Porto, onde nos esperavam os nossos companheiros das outras casas: Miranda do Corvo, Coimbra, S. João da Madeira, Tojal e Lar do Gaiato de Lisboa. Fomos depois pela rua D. João IV abaixo a pé, até às portas do Coliseu, onde nos esperava uma grande comitiva de espectadores. A bicha dos bilhetes continuava. Alguém passou perto de mim e exclamou: a cidade do Porto hoje não existe, mas sim a cidade dos gaiatos... Ouvi. Fiquei contente.

Na verdade todos os portuenses estavam ansiosos de ver novamente os gaiatos no Coliseu daquela cidade. À porta do dito, várias pessoas apareciam perguntando: onde está este? Onde está aquele? Quem é? — Maravilhoso! Ontem ninguém procurava o lixo das ruas, hoje todos o procuram! No mesmo sítio que isto acontece, aparece um senhor a oferecer uma bola aos da tipografia.

Começa o espectáculo com Júlio Mendes a fazer a apresentação. Primeiramente aparece o orfeão com «modinhas» simples e bem portuguesas. Entrou depois no palco o Carlos Inácio, futuro professor da Obra. Seguidamente o Zé Eduardo futuro africanista e Manuel Pinto, que substituiu o Carlos Gonçalves, que seguiu para África. Aqui houve mais «modinhas». Depois os representantes de Lisboa, Miranda e Tojal. Mais «modinhas». Júlio Mendes expõe a viagem a África com o Pai Américo. Linda com atenção e ouvi-o dizer: África é linda, mas tem os seus quês e perigos. Não conheço, mas conto conhecê-la, portanto de tudo tirei um bocadinho...

É agora a encerrada de Paço de Sousa. Diz rapazes falam dos seus trabalhos, com os respectivos companheiros do dito ao lado.

Vou descrever algumas frases ditas por oradores de Paço de Sousa. *Guilhuje* representante da tipografia disse: muito contentes estamos por termos por dia 8 horas de trabalho e ganharmos o nosso pequenino salário e aprendermos como se vive, que esta é a maior de todas as lições. *Macoquito*, das casas, disse também: Os visitantes que lá vão dizem que tudo está a espelhar e isso é verdade, mas do corpo nos sai... Sim, é verdade! E outros mais, que também disseram verdades como estas.

Aparece depois o *Manuel Bucha* a cantar «ó ferreiro». Foi um sucesso!

Ao princípio da segunda parte, aparece o cenário do Património dos Pobres. Aqui o público levanta-se para ver melhor. Depois do cenário vem o *Pombinha* a tocar castanhetas e a cantar. O *Hélio* fala do «Património dos Pobres». O *Sejaquim* não desanima e vem mais «modinhas». Tomar lê a relação das casas do «Património» já construídas. *Candido Pereira* discursa e apresenta os ressuscitados do Barredo.

Entra em cena a já célebre *loja do Mestre André*, vez estuda por seis dos nossos batatas. Mas uma vez este número causou alvoroço entre os portuenses!!!

Júlio Gomes

PROPAGAI

«O Gaiato»

UMA CARTA

São os grandes que fazem os pequenos. Aqui temos esta criada de servir a dar testemunho daquela afirmação. Ela serve a sua senhora há 39 anos e ama cada vez mais. Porquê? Porque é amada. É o amor da senhora que prende a criada.

Pedia a caridade ao Senhor
Padre Américo numa Ave Ma-
ria por minha Sultora
que esta Imagem esculpida é
uma santa Sultora que am-
tantos filhos já a viu a 39
anos. Também é a simulação do
gaiato P. Alice Lavdoso.
Pelo pedido por a minha Deus
do seu Ihe De muitos anos devida
para a minha tão sublime
obra.

Uma Creada
Maria

TRIBUNA DE COIMBRA

Na altura em que esta escrevemos, estamos a organizar as Colónias de Férias. É uma bicha contínua de esfarrapados que nos vêm dar o nome. Eles querem e necessitam e nós não podemos ficar surdos à sua voz; são corpos raquíticos a pedir pão e almas sequiosas a pedir luz; não podemos fechar os olhos. Temos necessidade de fazer Colónias.

Se não temos subsídios e promessas dos homens temos confiança na Providência e acreditamos no toque de Deus nos corações humanos. E isto nos basta; já o ano passado foi assim e tudo chegou. Há-de aparecer o Senhor do bacalhau das Colónias e outros Senhores e Senhoras e o Senhor Dr. Carlos da Pereira e a Mãe Glória de Tábuas e outros e outras mais.

Vai partir o primeiro turno de 30 rapazes da Estação Nova na tarde de 3 de Julho. Os mesmos gritos, o mesmo entusiasmo, o mesmo barulho, o mesmo espanto dos ouvintes e circunstâncias, as últimas recomendações dos que têm alguém de família, o atraso da automotora, o parar dos eléctricos, tudo como nos anos anteriores. E depois na viagem há-de ser o ralho do revisor e eles por cima dos bancos e debruçados às janelas e os braços de fora a apanhar canãs e bolsas dependuradas; tudo como de costume. Depois vêm as cantigas ao desafio, o solo dos fadistas, a discussão dos visinhos, o silêncio dos que escutam. É uma tarde grande e cheia até à Senhora da Piedade.

Seguem-se quinze dias de fes-

ta; café com leite e pão, sopa e conduto, muita fruta dos amigos, muitas aves e ninhos nas árvores e penedos, o cantar silencioso da água pelos rochedos, o subir variado até à serra, a sesta silenciosa do meio dia, a ginástica a desenvolver os músculos, a bola no campo entre as casas, a Doutrina e as cantigas da tarde, o terço na alpendurada do Santuário, o praguejar da tia Fofa e do burro, as serenatas noturnas nos fraguedos da cascata, as partidas nas camaratas. É todo este ambiente de encanto e de poesia em louvor perene ao Criador, que convida a passar ali aqueles dias que não podem deixar de ser frutuozos para o corpo e para a alma. A seguir ao primeiro turno de rapazes contamos fazer um outro para eles e terceiro para raparigas.

É muito oportuno nesta altura chamarmos a atenção de todos os organizadores de Colónias. Que elas sejam escolas de formação e educação para uma futura Sociedade melhor. Que cada um pondere a sério os princípios, os meios, e os fins de que se vai servir. Já o dissemos e continuamos a afirmá-lo, hoje em Portugal há Colónias a mais. A criança é um Santuário, e como tal deve ser tratado. O espírito dos organizadores deve de ser de caridade e não de mera filantropia. Os dirigentes devem ser pessoas sãs física e moralmente, de consciência bem formada, para bem educar. O ambiente das Colónias deve ser familiar; a criança deve sentir-se como em casa sua. Tudo deve ser modesto para que



Crónicas de África

Chegado o tempo, estávamos na pista. Todos quantos eram à nossa chegada, ali estavam na hora do adeus!

«Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem.» António Teles obteve licença e acompanhou-nos a Quelimane Num desvio de dez minutos, fomos à Chupanga. Não tendo aceitado convites de ninguém, fiz-me convidado e fui àquela Missão, abraçar o Padre Albano. Ele não contava. O que era antigamente à beira-rio, é hoje num outeiro. Construções novas. Tudo melhorado. Um dispensário. Escolas. Maternidade. Oficinas. A igreja. Residência dos missionários e irmãos auxiliares. Padre Albano é homem devotado, que um dia deliberou ir para as Missões servir e morrer. Está ali há 30 anos. A primeira parte tem cumprido. A segunda virá a seu tempo. É um missionário estudioso e apagado. Ele nunca disse a ninguém, mas nós devemos-lhe uma gramática da língua Chisena, catecismo e outras publicações. São os obreiros das almas, semeadores do Evangelho. A nossa estadia foi breve. Lembro-me que ele e outro, vieram até ao campo e do abraço que ali nos demos ficaram para sempre as marcas.

Atravessamos o Zambeze. Ao pé do piloto era eu e nos lugares atrás Júlio e Teles. Sempre nós. No Porto, em Paço de Sousa, em Coimbra, Lisboa, oh lugares! oh tempos! oh recordações!

Mopeia começa a ver-se. O piloto raza um nadita. Muitas casas, algumas de grande porte. Ali nasceram os primeiros campos da cana de açúcar. Com eles, a coragem e decisão dos primeiros homens que não sabiam olhar para trás.

Vamos agora por sobre palmeiras, pequenas aldeias indígenas, pomares. Mais uns minutos e vemos grandes extensões de água. Mais pomares. Em lugar de palhotas, são casas de ferro zincado. O piloto avisa que estamos a chegar. O campo aparece. Descemos. Tínhamos gasto meia hora.

A vila de Quelimane está no mesmo sítio e quase no mesmo ser que tinha há quarenta anos.

Fomos recebidos por um grupo de Rapazes, que nos ofereceram o produto de uma festa por eles levada àvante. O Senhor Amado, da Sena Sugar, deu-nos lugar à sua mesa, (e que mesa!). Outros amigos, por outros titu-

o Colono quando voltar ao lugar onde há-de passar o outro tempo do ano não estranhe. Não esqueçamos que a criança tem corpo, mas também tem espírito; e um e outro precisam de ser robustecidos. Nunca se tenha a criança na ociosidade.

Assim as Colónias dariam fruto; de contrário são um esbanjamento de tesouros.

PADRE HORÁCIO

los, levaram-nos a escrever o nome na página da gratidão. Demos uma volta. Quis mostrar ao Júlio um palmar, tendo feito alguns quilómetros na estrada do Maquival, com esse fim. Não admira que leões entrem às vezes na vila e devorem cabeças de gado, pois se tudo são palmares!

Quizera ter ido a Tete, e tudo me dizia que sim; avião por nossa conta, uma chamada especial da população, a natural curiosidade, tudo. Mas o tempo era pouco. *Nemmem salutaveritis*. Não podemos perder tempo nem sequer em saudações; temos de andar a passos de gigante. Amarramos os cordões e eis-nos a caminho do Luabo.

De como nós fomos ao COLISEU

Mas primeiramente digamos de como foi em Braga, porque também ali estivemos uns dias antes. O Manuel Henrique, cronista da festa, diz quase tudo no seu relato, como se pode ler neste número. Diz como viu e como sente. A verdade é assim. Da minha parte também quero dizer que o público, por amigo da Obra, aceitou e desculpou as nossas faltas. Acudiu em grande número. Deu 10 contos na bilheteira. Deu à rodã de 3 na capa. Deu 13 deles por mão e não mostrou fastio.

O senhor Costa cedeu a sala do teatro. O pessoal maior e menor deram o seu tempo. O Liceu Internato, deu-nos de comer. Não se pode esperar mais nem fazer melhor. E até à próxima se Deus quizer.

Agora vamos ao Coliseu. Grande casa. Grandepúblico. Fomos bem recebidos e desculpad; eram muitos os *artistas* e nem todos estavam à altura. O Ex.^{mo} Senhor J. Carvalho não levou nada. O pessoal ajudou. A bilheteira deu 30 contos. A capa anda à roda dos 20. O resto pode ser lido com muito agrado na crónica do Júlio Gomes, a quem se deu a incumbência de a fazer. E até à primeira se Deus quizer.

AGORA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

balho. As tais *rainhas*, são outra desgraça dos nossos tempos.

A Maria Vitória leva 20\$. A Maria Adelina, do Ultramar, leva uma bandeja de prata com o seu primeiro aumento de ordenado, — 500\$. Um senhor do Porto, faz de outro tanto a sua primeira prestação. Ao lado deste, um Anónimo de Braga vai com doze contos, e pede orações. Também segue alguém com 30\$ e outro com 100\$ e a Alice com outro tanto. Mãe e filha vão aqui com 150\$00. Os da *Chenop* não desanimam. Devagar, porque poucos, eles vão carregados; agora 210\$. E assim hão-de chegar ao fim.